

## POR QUE LER A *QUEDA DO CÉU*: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI

Silvério Guazzelli Donatti <sup>1</sup>

*Gosto de explicar essas coisas para os brancos, para eles poderem saber (Davi Kopenawa Yanomami)*

Por que ler *A queda do céu*? Primeiramente por ser um belo livro, com uma cosmovisão totalmente diferente da suposta universalidade do ocidente beirando o espaço, beirando a barbárie – se os dois abordamentos não podem ser considerados como um mesmo e único gesto de continuidade: primeiro consome-se o planeta e as assim denominadas “minorias”, depois, a verdadeira minoria que se beneficiaria disto fugiria para o espaço: terrestres sem Terra. Terráqueos? Se não há consenso, de onde parte nossa autorização tácita?

Em segundo lugar e bem mais importante, pois a mudança na perspectiva antropológica já se apresenta como um indício e pode vir, e deve vir acompanhada de possibilidade de uma série de mudanças outras. Pois, é isto que ocorre quando tudo está sistematicamente unido, onde o contínuo dos fatos não se inclina às vontades das descrições parciais, aos interesses que ao acaso se fizeram imperativos e que não são, de maneira alguma, imperecíveis.

Tive a oportunidade de conhecer o xamã Kopenawa Yanomami em uma palestra que o mesmo proferiu na Universidade Federal de São Carlos e recordo que foi realmente bastante impactante para mim estar diante da presença dele. Muito me marcou o fato da forma como ele iniciou a fala, se apresentando em seu idioma, e do quanto aquilo me deixou, de alguma maneira, incomodado por não entender o que ele estava falando e ao mesmo tempo maravilhado com aquela materialização de língua à qual eu não tinha acesso, e que com muito esforço talvez tivesse algum êxito em intuir onde terminava e onde começavam suas palavras. Embora não fosse por isso que estava ali no Teatro “Florestan Fernandes”, na UFSCar, naquela tarde de 2018. Estava ali, pois havia em mim uma avidez, coisa de branco, pelo sentido das palavras do xamã Yanomami.

Logo em seguida, recordo, me lancei à leitura de *A queda do céu*, e passei a entender um pouco mais. Recentemente, após haver concluído a leitura, passei a uma segunda leitura, mais demorada esta, que da primeira se quer chegar logo à conclusão. Novamente, nosso hábito *napë* [branco] de querer ter, absorver rapidamente, ter as coisas, ter o conhecimento de etc. Um livro escrito por quase três décadas! O que demonstra que as revoluções não necessariamente se dão de uma hora para a outra. Em coautoria, lançado em 2010 em francês, em 2015 no Brasil, as gravações das conversas do antropólogo francês Bruce Albert com a liderança yanomami se iniciaram em dezembro de 1989, sua amizade um pouco antes, sendo que se conheceram em 1978, ou seja, há uma longa história envolvendo os autores desta obra ímpar.

### **Mais conhecimentos e menos coisas, por favor.**

Quem detém o conhecimento modela o mundo. As grandes corporações sabem disto melhor do que ninguém. Vivemos em tempos de *big data* e informações pessoais de usuários são mercadoria para alimentar uma lógica insustentável de consumo ilimitável. Nas Olimpíadas de Tokyo 2020, as medalhas foram confeccionadas com o ouro, a prata e o bronze, segundo informações que se podem facilmente verificar na internet, extraídos de mais de setenta e oito mil toneladas de lixo eletrônico, ou, mais de seis milhões de aparelhos celulares quebrados ou antigos, o que obviamente é muito melhor do que extrair esses metais diretamente da terra, mas não deixa de ser uma preocupação, em absoluto.

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística/PPGL/UFSCar.

Sabe-se que a primeira lâmpada a filamento continua operante até hoje. Foi preciso um empurrãozinho do *stablishment* para que essas lâmpadas, que em teoria poderiam durar para sempre, ou ao menos por um tempo infinitamente maior do que aquele que posteriormente foram feitas para durar, viessem a queimar. A obsolescência programada vai convenientemente a favor de um lucro que é distribuído a uns poucos ao mesmo tempo em que estes, proporcional e inversamente vão fazendo a miséria de uma quantidade incalculável de seres, de humanidades, gente onça, gente tatu, gente nós.

A queda do céu em grande parte é sobre isso. É vital protegermos as florestas, e o planeta, respeitarmos os povos e contermos a ganância desenfreada acompanhada de uma miríade de efeitos colaterais que de fato não trazem benefícios, mas tragédias, e que se alastra pelo ocidente igual fumaça de epidemia xawara, aplacando a todos pelo privilégio de uns poucos.

Para o programa *Voz indígena*: uma experiência cinematográfica, que nós do Grupo de Pesquisa LEETRA tivemos o prazer de realizar pela orientação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins e sob a direção do estimado colega e amigo Prof. Ms. João Paulo Ribeiro, quisemos sonhar um mundo diferente, não deixando de lado a crítica, contudo buscando fazê-la pelo viés da esperança, do sonhar, que tem uma força que o ocidente ainda desconhece, mas que espero em breve vá reconhecer. Seleccionamos, João e eu, dois excertos do livro para compor a segunda edição do *Cine voz indígena*, como também afetivamente chamamos o programa. A seguir apresento as falas que, portanto, abriram e encerraram esta edição. Assim, abrimos com:

Os brancos talvez pensem que parariamos de defender nossa floresta caso nos dessem montanhas de suas mercadorias. Estão enganados. Desejar suas coisas tanto quanto eles só serviria para emaranhar nosso pensamento. Perderíamos nossas próprias palavras e isso nos levaria à morte. Foi o que sempre ocorreu, desde que nossos antigos cobiçaram as suas ferramentas pela primeira vez, há muito tempo. Essa é a verdade. Recusamo-nos a deixar que destruam nossa floresta porque foi Omama que nos fez vir à existência. Queremos apenas continuar vivendo nela do nosso jeito, como fizeram nossos ancestrais antes de nós. Não queremos que ela morra, coberta de feridas e dejetos dos brancos. Ficamos com raiva quando eles queimam árvores, rasgam a terra e sujam os rios. Ficamos com raiva quando nossas mulheres, filhos e idosos morrem sem parar de fumaça de epidemia. Não somos inimigos dos brancos. Mas não queremos que venham trabalhar em nossa floresta porque não têm como nos compensar o valor do que aqui destroem. É o que penso. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p.354)

Estas palavras nos trazem a dimensão dos desejos de Kopenawa, desejos que projetam a garantia de um futuro para a humanidade sobre a face da Terra. Palavras nas quais podemos acreditar e temos a obrigação de defender, propagar, replicar sem jamais distorcer. A seguir e como fechamento do programa quisemos trazer palavras belas carregadas de esperança, que desde já aproximassem à nossa realidade aspectos pertinentes à cultura yanomami, em especial ao universo modelado pelo xamã, com o qual muito temos que aprender. Acerca dos cantos dos *xapiri*, Kopenawa nos ensina:

Eles vão colhê-los nas árvores de cantos que chamamos amoa hi. Omama criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os *xapiri* possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs. Os espíritos dos sabiás *yōrixiamá* e os dos espíritos *japim ayokora* — e também os dos pássaros *siti-pari si* e *taritari axi* — são os primeiros a acumular esses cantos em grandes cestos *sakosi*. Colhem-nos um a um, com objetos invisíveis, parecidos com os gravadores dos brancos. Mas são tantos que nunca conseguem esgotá-los! (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p.113).

A humanidade, a meu ver, precisa encarar este grande desafio para o futuro, para que o haja: é urgente chegarmos a um consenso em relação a isso: se quisermos evoluir, é necessário, já passou da hora, sonharmos nosso futuro. Ou detemos essa “modernidade” ou ela acaba com a gente. É fundamental aprendermos a escutar os cantos dos *xapiri*. Encerro com outra fala do sábio xamã – que no presente mês foi eleito para a Academia Brasileira de Ciências – o que me inspirou a repetir as palavras dele:

Como eu, você ficou mais experiente com a idade. Você desenhou e fixou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas. Eu lhe ensinei essas coisas para que você as transmita aos seus (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p.64).

Espero com este breve e limitado relato tê-los convencido, ou pelo menos convidado, a verificar esta obra excepcionalmente incrível, que ainda muito irá ecoar positivamente para o bem da humanidade.